

ARUC

PRIMEIRA ESCOLA DE SAMBA FUNDADA NO DISTRITO FEDERAL, A ASSOCIAÇÃO RECREATIVA UNIDOS DO CRUZEIRO COMEMORA 46 ANOS DE FOLIA COM LANÇAMENTO DE UM LIVRO HISTÓRICO

O vôo da quarentona

Márcio Falcão

A tradição azul e branca está de volta. Hoje é dia de festa na quadra da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro, ou, simplesmente, Aruc, uma das mais tradicionais escolas de samba do DF. Por volta das 20h, tamborins, surdos, repiques, caixas, chocalhos e cuícas serão aquecidos dando boas-vindas ao Carnaval 2008. As atenções para a apresentação do samba-enredo da escola para o próximo ano serão divididas com o lançamento do livro *Voz Gavião*, que narra a trajetória da Aruc no samba, no esporte e na cultura ao longo de 46 anos.

O autor, Rafael Fernandes, levou dois anos reunindo material necessário para narrar a história da escola que mais recebeu premiações no DF. Foram 28 títulos de campeã do Carnaval local, sem contar que a Aruc é a única escola do País a ter na galeria de prêmios um octacampeonato, entre 1986 e 1993.

"Era preciso que alguém destacasse toda essa trajetória vitoriosa da Aruc, marcada por fatos curiosos e que traduzem em vários aspectos a cultura do brasileiro", ressaltou Fernandes, que nasceu na comunidade e acompanhou parte de seu desenvolvimento.

■ Reduto carioca

Mas a principal motivação para fundação da Aruc pouco teve a ver com o cotidiano do DF. Acostumados com os tradicionais desfiles na Avenida Rio Branco, no Rio, mangueirenses, portelenses e salgueirenses que chegaram para morar no Cruzeiro se uniram e fundaram, em meados de 1960, a Aruc. A

maior incentivadora foi a enfermeira Ivone Araújo, que começou a organizar rodas de samba nos fundos de casa. O Cruzeiro tornou-se um verdadeiro reduto carioca.

No ano seguinte, ela encabeçou um movimento para criar a escola de samba, que desfilou pela primeira vez na W3 Sul no Carnaval de 1962. A estréia foi tímida, com 20 foliões sem fantasia, apenas empunhando estandartes com fotos do então presidente Juscelino Kubitschek e do arquiteto Oscar Niemeyer.

Entre os sambas-enredo que configuram na lista de excelência da escola está o hino de 1993 responsável pelo octacampeonato: *Portela, de Paulo a Paulinho* que retratou a influência da Portela para a criação da escola. No refrão "Eu sou rio, transbordando de amor, eu sou Aruc, sou um vencedor", os compositores deixam claro a inspiração e a missão dos cruzeirenses, que adotaram o gavião como símbolo.

■ Diversidade

Um dos critérios para escolha dos temas dos sambas da Aruc é a relação com acontecimentos nacionais, principalmente a diversidade cultural encontrada Brasil afora. Para 2008, eles resolveram falar sobre o humor brasileiro. Intitulado de *Faz-me rir! De Cacareco e Carranquinha a Jajá e Juju, os personagens do humor em Brasília*, o samba fala sobre o desenvolvimento dos personagens que marcam a capital federal. Além de exaltar humoristas, a letra pede a proteção de Dionísio, o deus grego do humor, da alegria e das festas, e de São Genésio, o santo dos artistas.

Inserida na comunidade

Além do bom samba, a Aruc tem importância cultural e social para o Cruzeiro. Foi por meio do registro da chegada de dona Ivone que se estabeleceu o dia 30 de novembro de 1959 como aniversário da cidade. E desde a década de 1970, a Aruc abriu seu Departamento de Esportes oferecendo a 500 crianças e adolescentes aulas de futebol, capoeira, futsal, basquete e handebol. As equipes se profissionalizaram e representam o Cruzeiro e Brasília em competições nacionais e internacionais.

Entre as principais conquistas estão o Campeonato Brasileiro de Futsal Adulto em 1981, a Taça Brasil de Futsal Feminino em 1990 e a Copa Mercosul de Handebol, em 2005. "É por causa desta ligação com o Cruzeiro e seu significado para a cultura local que produzi esse livro", declarou Fernandes. "Não se trata de uma obra definitiva, mas da visão de alguém que passou a conhecer, respeitar, amar e vibrar com o azul e branco que toma conta do Cruzeiro".



■ CAMPEÃ DO CARNAVAL 2007 DE BRASÍLIA, ESCOLA PREPARA SAMBA PARA 2008 HOMENAGEANDO PERSONAGENS HUMORÍSTICOS DO DF



■ RAFAEL FERNANDES, AUTOR: DOIS ANOS DE PESQUISA INTENSA

Nem tudo são confetes

Em meio às glórias, a escola também enfrentou crises. A mais séria delas ocorreu em 1974, quando uma cisão entre os componentes fez com que a escola levasse à avenida 80 figurantes e acabasse desclassificada. "Foi um fracasso total. Muita gente, descontente com a diretoria, não quis participar do desfile", lembrou Hélio dos Santos.

Outra dificuldade marcou o desfile de 1979. A bandeira foi roubada minutos antes de a escola entrar no Eixão. Na tentativa desesperada de contornar o problema, os diretores arrancaram uma pluma da fantasia de um destaque e entregaram para a porta-bandeira entrar. A idéia era que a pluma fosse oferecida como homenagem ao então diretor Carlos Black, mas a manobra não surtiu efeito e a Aruc perdeu o campeonato, por apenas um ponto, para sua grande rival — a Acadêmicos da Asa Norte, segunda colocada no ranking carnavalesco do DF, com quatro prêmios.

A rivalidade da Aruc com outras escolas de samba é perceptível principalmente durante

as apurações das notas dos jurados. Mas os pioneiros têm outras histórias para contar. Em 1980, o mestre-sala cruzeirenses resolveu trocar a escola por outra bem no Carnaval. A virada de camisa não foi perdoadada. Dias depois, ele apareceu em um ensaio e os componentes tiraram sua roupa e ainda lhe deram uma surra.

"A emoção falou mais alto", explicou o vice-presidente de Esportes, Eduardo Sammarco. E é o emocional que, segundo os cruzeirenses, move o coração da escola — a bateria. São 110 instrumentistas que marcam o passo de cada um dos mil participantes dos desfiles.

No começo, era só improviso. Eles se uniram, penhoraram jóias, pediram contribuições de porta em porta e chegaram a fazer um crediário para comprar os instrumentos.

Hoje, a bateria é conhecida pelas inovações. Neste ano, incluiu a sonoridade do funk e movimentou a arquibancada. "Fazemos uma bateria que mistura o tradicional e o contemporâneo", avalia Sammarco.